

*Sônia
Viegas*

Sônia Viegas
Escritos

filosofia viva

filosofar
os antigos
os modernos
questões contemporâneas

filosofia e arte

literatura
artes plásticas & teatro
cinema

vida filosófica

cartas de Sônia
cartas para Sônia
poemas
depoimentos
imagens
curriculum vitae

Sônia Viegas

Escritos

vida filosófica

ORGANIZAÇÃO *Marcelo P. Marques*

ITêssitura

Belo Horizonte 2009

Copyright © Ângela Viegas Andrade e Mônica Viegas Andrade, 2009

Desenho de Capa Fernando Velloso

Editoração da Capa Eduardo Velloso

Digitação dos originais Regina Zélia Purri

Revisão Vicente de Paula Assunção

Projeto Gráfico & Diagramação de Miolo Milton Fernandes

Organização & Apresentação Marcelo P. Marques

Coordenação Editorial Ângela Viegas Andrade & Mônica Viegas Andrade

Editora Responsável Maria Adélia Vasconcelos Barros

FOTOS DAS IMAGENS DAS PÁGINAS 67 E 72 José Eduardo Santos Silveira

FOTOS DA PÁGINA 229 Renato Cobucci

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA NINA C. MENDONÇA – CRB 1228-6

V656e

Viegas, Sônia.

Escritos : vida filosófica / Sônia Viegas ; organização, Marcelo P. Marques. –
Belo Horizonte : Tessitura, 2009.

264 p.: Il., fot.

ISBN 978-85-99745-23-6

1. Viegas, Sônia – Biografia. 2. Filosofia. 3. Biografia – Carreira. 4. Correspondência. I. Título. II. Marques, Marcelo P.

CDD: 100

2009

Direitos desta edição reservados à

Tessitura Editora

Av. do Contorno, 5351 . 1601

30110 – 923 . BH . MG . Brasil

55 . 31 . 3262 0616

www.tessituraeditora.com.br

Sumário

Apresentação 9

vida filosófica

Prefácio 13

A idéia de escrever um diário 17

Janela Aberta 19

Filosofia já 21

cartas de Sônia Sô

para Ângela e Mônica 29

para Moacyr Laterza 49

para Leda Brito 59

para Humberto Serpa 65

para Newton Bignotto 85

para Bartolomeu Campos de Queirós 89

para Edésio Fernandes 95

ini

cartas para Sônia

de Moacyr Laterza 141

de Leda Brito 149

de Edésio Fernandes 151

de Fátima Fenati 157

de Carol Fenati 159

ia

poemas

O amor é a descoberta... 163

Confissão 164

Quisera te encontrar um dia ... 165

O amor é contraditório... 166

Que angústia será essa? 167

Alma 168

Do porto onde vivemos... 169

Libertas, inúteis, palavras... 170

Amanhã... 171

Retrato 172

Vi depoimentos

Ângela e Mônica Viegas 175

João A. Gaio 177

Eliane Rodrigues Pereira Mendes 179

Henrique de Lima Vaz 181

Mônica Cerqueira Siewers 183

Anna Maria Viegas 185

Moacyr Laterza 187

Fábio Lucas 189

João Paulo 191

Maria Vitória Dias e Bernardo Jefferson 195

Hugo Pereira do Amaral 199

Marcelo P. Marques 201

ieg imagens

gas curriculum vitae

Sônia Maria Viegas Andrade 241

Apresentação

Sônia Maria Viegas Andrade (1944-1989) foi professora no Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, durante vinte e dois anos, até sua morte prematura, aos 45 anos. Sônia começou sua vida profissional como professora no Colégio Universitário da UFMG, no final dos anos 1960, e logo em seguida no Depto. de Filosofia; dez anos depois defendeu sua dissertação de Mestrado – *A vereda trágica do Grande Sertão: Veredas*, estudo filosófico sobre a obra maior de João Guimarães Rosa, pelo qual recebeu o Prêmio “Cidade de Belo Horizonte”, outorgado pela Prefeitura Municipal.

Além de participar ativamente da vida acadêmica da FAFICH – UFMG, onde ministrou disciplinas filosóficas em diversas áreas (filosofia geral, história da filosofia, filosofia da educação e filosofia da cultura), Sônia atuou na vida cultural de Belo Horizonte, cooperando com instituições públicas e privadas, e também com diferentes comunidades profissionais. Enquanto professora, pesquisadora e educadora, Sônia foi uma autêntica pensadora dos problemas da cidade, das artes e da educação.

Suas aulas e conferências ficaram conhecidas como verdadeiras obras de arte, pela intensidade de sua entrega, assim como pela vibração que suscitava em seus ouvintes. O que marcou sua reflexão foi a capacidade de relacionar as questões clássicas da filosofia com os problemas vividos por cada um, revitalizando as primeiras e resignificando os últimos, indo, assim, além do que geralmente se compreendia por atividade acadêmica. Em 1986, Sônia criou o Núcleo de Filosofia, através do qual ampliou e consolidou sua atuação como uma pensadora autenticamente comprometida com seu tempo.

A filosofia tem sua origem na poesia e aspira voltar para a poesia. Trabalhar o sentido nas coisas, nos gestos, nos acontecimentos, experimentar intensamente o significado da vida, eis em que consiste o poetizar, atividade humana por excelência.

Sônia Viegas. *Apresentação do Núcleo de Filosofia*

É importante enfatizarmos a amplitude da dimensão oral de sua atuação como intelectual (aulas e conferências), numa época em que a cultura acadêmica ainda não era marcada pelas exigências de publicação escrita, tão tecnicamente codificada como é hoje. A decisão de publicar nestes três volumes os *Escritos* de Sônia Viegas foi tomada depois de muita reflexão sobre como compartilhar a obra desta singular pensadora mineira. Há alguns anos, numa equipe formada por Ângela e Mônica Viegas, filhas de Sônia, e ainda pelos colegas Ricardo Fenati e Newton Bignotto, avaliamos a possibilidade de transcrever o último curso de Mitologia grega e, eventualmente, outros, gravados em fitas cassete. Devido às implicações materiais e editoriais com as quais teríamos que lidar para transcrever uma grande quantidade de conferências e aulas gravadas, decidimos não fazê-lo, mas pretendemos, aos poucos, divulgá-las como arquivos de áudio e vídeo, em página de internet.

O material aqui reunido em três volumes é muito significativo e indicador da profusão criativa de Sônia Viegas. O que apresentamos nestes *Escritos* são, portanto, textos que a própria Sônia decidiu publicar em livros, revistas acadêmicas e jornais (com algumas transcrições de conferências): um volume com temas mais acadêmicos – *Filosofia viva* –, que inclui sua dissertação de Mestrado (anteriormente publicada pela Editora Loyola); outro de filosofia da cultura – *Filosofia e arte* – que reúne artigos publicados em revistas e jornais (incluindo o *Cinema comentado*). O terceiro volume, intitulado *Vida filosófica*, foi concebido com o intuito de mostrar, através de cartas (dela e para ela), depoimentos de amigos e de ex-alunos, assim como de imagens, o vigor filosófico da vida de Sônia Viegas.

Marcelo P. Marques, outubro de 2009

vida filosófica

Prefácio

A idéia de compor esse volume nasceu do contato com a profusão de escritos pessoais de Sônia Viegas, como cartas e poemas, que revelam muito da sua maneira de ser e de agir. Era uma característica sua pensar através da escrita, rabis-car idéias, até mesmo tomar decisões por meio de simples bilhetinhos. Além dos diversos textos de caráter mais público que foram reunidos nos outros volumes, Sônia deixou também uma longa correspondência pessoal, poética e filosófica, que revela momentos intensos de seus relacionamentos e sua grande paixão pela vida. As cartas mostram que Sônia Viegas não foi somente professora, filósofa e educadora, mas também mãe, mulher e amiga – a Soninha de todos nós.

A leitura desses escritos pessoais, guardados junto com outros objetos ou cedidos por amigos próximos de Sônia, revela a densidade e a beleza de seu legado como pessoa e as marcas profundas que deixou na vida de amigos, parentes e alunos, apesar de sua curta jornada. O contato com esse material tão rico provoca muita saudade, mas também o desejo de compartilhar um pouco de sua história de vida.

A primeira seção reúne textos que mostram a familiaridade da Sônia desde menina com o saber e o pensar. Inclui também uma entrevista na qual ela expõe com clareza a importância da filosofia para a vida.

A segunda seção inclui *Cartas* escritas por Sônia e para Sônia. O processo de seleção foi inicialmente minha simples intuição de filha, muito marcado pela emoção. Mas, em seguida, troquei idéias com as pessoas envolvidas. Amigos como Leda Brito, Edésio Fernandes, Fátima Fenati e Humberto Serpa foram generosos em suas contribuições, permitindo que parte de sua intimidade com Sônia fosse revelada e publicada. Finalmente, eu, Mônica Viegas e Marcelo Marques fizemos a triagem final do material de maior relevância para publicação.

Integra também este volume uma seção de *Depoimentos* – o nosso, como filhas, os de alguns amigos e ex-alunos, assim como matérias publicadas em jornais, por ocasião de seu falecimento.

Outra seção é composta por *Poemas*, os quais foram escritos por Sônia aos 25 anos. Como ela mesma dizia, *a filosofia aspira voltar para a poesia...*

Na seqüência, organizei um caderno iconográfico que ilustra seu jeito despojado de ser, suas relações familiares, os amores, a família e os amigos.

Finalmente, incluí um *Curriculum vitae*, que nos dá uma boa idéia da amplitude de sua atuação profissional.

Agradeço, especialmente, ao amigo Fernando Velloso, pela confecção da arte das capas, e a Lúcia Viegas, pela ajuda incondicional.

Sabemos que a vida da Sônia não se resume nesta publicação. É muito mais...

Angela Viegas



DE FILOSOFIA
João Inácio de Aguiar
Assinatura do Aluno

A idéia de escrever um diário

5/3/1976

A idéia de escrever um diário ainda me é bastante estranha. Não posso negar a mim mesma que estou influenciada por Bernanos, e que, de certa forma, tento recuar um pouco no tempo, mas num tempo interior, o tempo feito de divagação, de recordação. Num diário, vivências presentes e memórias se confundem. Somos uma espécie de personagens de nós mesmos, e nos comprazemos nesse drama íntimo, nesse pequeno teatro, onde, narcisisticamente, contemplamos a nós mesmos.

É um tanto constrangedor o fato de se escrever um diário. A literatura, ou a tentação da literatura, assedia a cada frase, e corro o perigo constante de um mórbido espetáculo para consumo pessoal, um teatrozinho medíocre e íntimo, que sinto fazer até mesmo quando tomo consciência (como agora) de o estar fazendo. Consola-me a sensação de que o faço em outras situações bem diferentes dessas, fora de casa, nas horas mais públicas de minha vida. Outra coisa que tenho descoberto é que um diário não pode conter a sua própria memória. É notável isto: a memória não ser memória de si mesma. A memória não tem memória. Quantas coisas, de ontem para cá, quis escrever, e se perderam. Ingenuamente, eu acreditava estar acumulando-as, para depois fazer seu relatório aqui. Mas o diário não se presta a isso, ele é apenas o registro continuado, mas sempre momentâneo, de experiências que se descrevem com uma seqüência emocional. A narrativa é fruto da afetividade, não da lógica.

Ainda com relação ao teatro íntimo que é o diário: tenho a impressão, ao escrevê-lo, de que não o faço para mim, mas para um outro. Um outro indefinido, coletivo, que é uma impessoal possibilidade, uma brecha de alteridade dentro de minha própria personalidade. Não se trata, aqui, da vontade de ser lida (se bem

que esta também exista e com muita intensidade), mas da vontade de ser reconhecida, como se o ato de escrever fosse um desnudamento e um encontro de mim mesma a partir da objetivação, do testemunho que dou de cada dia aqui. Sei, por exemplo, que muitas coisas não tenho a coragem de escrever, como se, não eu, mas um outro, do qual tenho vergonha, me estivesse vigiando, e se escandalizasse com certas coisas que eu pudesse dizer (ou fazer). Eis o teatro, como se, pelo fato de não dizê-las aqui, não as tivesse feito! Tenho vergonha desse outro indefinido para o qual escrevo e que sou eu mesma, essa brecha de alteridade pela qual me perco incessantemente. Vigiando-me, estou tão concentrada em mim mesma que me resvalo de meus próprios olhos.

Janela Aberta ¹

14/8/1959

A madrugada ia se acabando quando Mariana acordou. Em pensamento, deitada na cama, casei o sol, enorme e vermelho, com seus cabelos espalhafatosos e embaraçados. Foi aquela cabeleira louca, dourada pelo dia surgindo, que fez piscarem meus olhos sorridentes.

Eta, Mariana! Eternamente sufocada pelo escuro, eternamente encantada com uma janela aberta, com o ar circulando rapidamente pelo quarto, a se rir, dependurada no parapeito, da lavadeira bocejando lá embaixo.

Mariana se ajoelha na cama, e pula no colchão, enquanto observa a folhagem da chácara, molhada de sereno, a lua fugindo muito esgarçada, o céu azul e branco, o cachorro a latir de fome.

“Bonito cachorro! Combina mesmo com o dia!” – diz-me ela.

Sua risadinha fina acaba de me despertar. Cedo, afinal, às tentações de Mariana, toda engraçada, e da janela aberta para o dia novinho em folha. Salto da cama.

Sônia Viegas

¹ Redação escrita para a disciplina de Português, no curso ginásial do Colégio Santa Maria, em Belo Horizonte, aos 15 anos de idade.

INTERESSANTE E MUITO BEM ACHADO...²

Interessante e muito bem achado o emprego do gerúndio como adjetivo. Melhor pontuar a 1ª frase. Você usa o presente histórico, mas o faz muito bruscamente demais. A pausa da vírgula deixa a surpresa; suprime o excesso de precipitação; mostra apenas o inesperado do salto de Mariana. Observações: Ótima redação. Muito naturais as suas construções, muito simples a linguagem. Absoluta correção gramatical, sem detrimento do estilo. Estilo: já bastante original – Você não rebusca uma expressão sequer e, no entanto, consegue utilizá-las todas renovadas. Haja vista o caso do gerúndio, já mencionado. Na realidade, você “descobre” com isso (inconscientemente, creio eu) o valor do chamado complemento modal. O modo não é uma circunstância para você (como não é de fato). O modo é um atributo, é qualquer coisa de inerente à coisa, de dentro do sentido, e não, de fora, como todas as circunstâncias. Pois bem: o valor originário do gerúndio é este: adverbial modal. Deveria, segundo a gramática, modificar verbos. E você, atendendo às exigências do estilo, burla a gramática; faz o gerúndio modificar substantivos. É notável, Sônia. Me entusiasma. Além de entusiasmar, revela originalidade literária.

Anna Maria Viegas

² Comentários de Anna Maria Viegas, irmã de Sônia e professora de Português do Colégio Santa Maria.

Filosofia já¹

Já faz algum tempo – 18 anos precisamente – que a disciplina Filosofia foi radicalmente banida do segundo grau. Vale ressaltar que naquela época, 1969, através de decreto, foi introduzida no seu lugar a cadeira Educação Moral e Cívica e implantado o polêmico vestibular unificado. Gerações e gerações têm passado pelos bancos das escolas sem sequer tomar conhecimento da importância dessa atividade pensante, tão antiga quanto o próprio homem. Depois de tanta ausência, começa-se a sentir saudades da filosofia. Mesmo que de uma maneira ainda muito tímida e informal, sua volta ao segundo grau vem sendo defendida e implantada em alguns colégios da cidade. Para falar sobre a importância do filosofar, ninguém melhor do que a professora Sônia Maria Viegas Andrade, com 20 anos de universidade. (...) No ano passado, juntamente com outros profissionais, ela fundou o Núcleo de Estudos Filosóficos, aberto a todas as pessoas que queiram se enveredar pelos caminhos da filosofia. Nesta entrevista à repórter Cleusa Canêdo, Sônia Viegas nos conta um pouco da sua experiência nessa área.

Conferir sentido a cada acontecimento. Na experiência da ignorância, buscar a abertura, a inquietação criadora, a pergunta pelo fundamento. A isto se propõe a reflexão humana, em sua busca enraizada no desejo.

JC – Por que o Núcleo de Estudos Filosóficos?

Sônia – O Núcleo foi criado por um grupo de profissionais de Belo Horizonte, no segundo semestre do ano passado, para prestar assessoria didática e ministrar cursos. O objetivo dele é abrir um espaço informal de reflexão filosófica vinculada à ciência e à arte. Sobre este aspecto, ele se diferencia de um curso curricular da universidade, por exemplo, uma disciplina dentro do departamento de filosofia,

¹ Entrevista publicada no *Jornal de Casa* em 3/9/1987.

porque não tem nenhuma exigência acadêmica; a exigência dele é de interesse. Ele emite certificado de participação, mas não tem nota, podendo participar profissionais de outras áreas, que procuram o Núcleo para desenvolver uma reflexão simultaneamente conjunta e individual dentro do curso.

JC – Como a Filosofia pode atuar na vida de outros profissionais?

Sônia – Os profissionais procuram a filosofia, sobretudo movidos por uma necessidade de refletir sobre o trabalho que desenvolvem. Eles têm o potencial crítico, mas não o aparato conceitual; então a filosofia lhes oferece o mínimo cultural para que possam situar sua profissão, datá-la historicamente, situá-la tanto no tempo como no espaço. Pelo fato de a profissão deles estar muito direcionada para a própria prática, esses profissionais, que podem ser arquitetos, médicos, engenheiros, psiquiatras ou psicólogos, não conseguem fazer essa ponte. Penso que, em certa medida, trata-se de uma demanda conceitual; por exemplo, alguém vive uma experiência em que não toma consciência plena do que aconteceu, ou seja, tem apenas uma consciência afetiva, prática do vivido; mas para que a experiência não se perca no aqui e agora, ela tem que ser expressa e questionada e é exatamente isso que os profissionais buscam na filosofia. Suponhamos que eu esteja dando um curso de história da filosofia e nele esteja sendo vista a questão da relação entre o indivíduo e a sociedade: como é que o indivíduo se posiciona diante de um valor moral, como ele se coloca diante do outro; suponhamos que essa experiência esteja sendo descrita em um momento histórico bem remoto, por exemplo, na Grécia, e que esteja sendo refletida por um filósofo daquela época, séc. V a.C. A reflexão desse filósofo é datada historicamente, mas ela tem um vigor, uma vitalidade que não se perde; ela tem elementos que são equivalentes, parecidos ou análogos aos elementos que estão sendo vividos por esses profissionais hoje, em relação, por exemplo, ao valor, ao outro, à sociedade. A vivência refletida, o conhecimento dessa questão, no contexto histórico em que ela ocorreu, ajuda-os a pensarem sobre sua própria prática. Indêpende do valor inquestionável de você investigar exatamente o que se passou no plano da consciência européia num momento histórico determinado, porque isso em si já é um valor, você tem essa possibilidade de recuperar, de atualizar o co-

nhecimento a partir da própria prática. E você só tem condição de compreendê-lo um pouco no seu valor histórico, se conseguir resgatá-lo a partir da sua experiência pessoal. É por isso que não acredito em filosofia como pura erudição; eu não acredito na reflexão que não reabilita, não resgata a experiência concreta da pessoa que está fazendo aquele questionamento.

A prática do conhecimento filosófico é a reflexão que se pode fazer através dos conceitos que toda a história da filosofia nos fornece, mas a partir do concreto, do presente que a pessoa está vivendo. É a possibilidade de o sujeito fazer uma espécie de dobrada sobre sua própria vida, sobre sua profissão, sobre seu momento histórico e isso você faz estudando os sofistas, no séc. V a.C., na Grécia; estudando Descartes, com a *dúvida metódica*, no século XVII; estudando Sartre, com o conceito de *nada* e a noção de angústia, na filosofia do século XX, ou nos textos de Pascal, no século XVII, num processo em que você não apenas recupera sua memória histórica, mas se unifica historicamente, se volta sobre sua própria experiência, sempre tomando consciência do seu momento atual. É impossível uma coisa sem a outra. O perigo de desvincular essas duas dimensões ocorre com a arte, com a política, com as ciências humanas em geral, ou seja, de serem um discurso teórico bem elaborado, mas defasado do engajamento existencial das pessoas.

JC – Como funciona o Núcleo de Filosofia?

Sônia – É uma forma mais amena e mais aberta de se transar a filosofia, porque lá as pessoas podem fazer uma única disciplina, não precisando enfrentar um currículo inteiro, como acontece na universidade. As matérias são oferecidas pensando no leigo e não nas pessoas que querem um diploma. Geralmente na faculdade o aluno tem de cumprir toda uma carga horária exigida, sendo que as disciplinas estão sempre comprometidas com o currículo. No Núcleo, as disciplinas são oferecidas em função da demanda, num sistema aberto, não acadêmico, e daí a reflexão fica mais solta, mais livre. Quer dizer, o tipo de demanda que leva uma pessoa a frequentar um curso aqui é diferente da que leva a mesma pessoa a procurar uma disciplina na universidade.

JC – Como você está vendo a retomada da filosofia por parte de alguns colégios?

Sônia – Até 1969, existia a disciplina da Filosofia no segundo grau, depois foi baixado um decreto criando o vestibular unificado e simultaneamente a disciplina Educação Moral e Cívica. Não sei se a filosofia que era dada naquela época realmente significava um espaço reflexivo, mas penso que os cursos do segundo grau (científico e clássico) eram mais voltados para uma formação universal, e toda formação universal tende a aprimorar a capacidade crítica, de visão, de comparação das pessoas. A implantação do vestibular atual minou esse sentido universal e colocou uma coisa muito pobre no lugar. Não foi propriamente a saída da filosofia que minou a reflexividade dos cursos de segundo grau, foi o espírito do curso voltado para a formação do pré-vestibular, a preparação do aluno para a maratona do vestibular e o vestibular único, que, por sua vez, contribuiu para o afunilamento do ensino no Brasil até chegar à universidade. Uma outra coisa que prejudicou demais a formação crítica dessas gerações universitárias de 1970 para cá foi a despolitização provocada pela ditadura, uma alienação gradativa, um descrédito de tudo aquilo que podia ser motivo de reflexão, que foi o que aconteceu no Brasil como um todo.

O que imperava era uma progressiva preocupação com a situação da política internacional e econômica, viciada em referências não reflexivas, não críticas, e que foram as referências que a economia e a política brasileira nos deram esse tempo todo; de medo, de pânico, de insegurança, de soluções imediatistas, improvisadas, de imposturas, coisas ditas e não cumpridas – é essa a experiência que temos tido até agora com o plano cruzado, por exemplo. Com essas referências, não é possível desenvolver uma reflexão satisfatória. São gerações desgastadas do ponto de vista cultural, empobrecidas intelectual e criticamente, que vêm enfrentando essa situação o tempo todo, e que, depois da abertura, anteviram a possibilidade de se tornar um pouco mais autônomas e mais donas de suas próprias consciências; é claro que isso tem acontecido, em certa medida, mas com muita dificuldade. A busca da filosofia corresponde a uma tentativa um pouco desesperada, um pouco solitária da intelectualidade, dos profissionais liberais de nível superior, de se voltarem sobre si próprios e se questionarem, depois de um longo

período de desgaste e empobrecimento que viveram principalmente nas décadas de 1960 e 1970.

A questão da filosofia no segundo grau é difícil de ser enfrentada, porque, se de um lado é importante que haja filosofia no segundo grau, por outro, não temos profissionais devidamente qualificados para ministrar essa disciplina de forma adequada. Em princípio, a proposta é boa, mas pode também gerar uma situação difícil, pode gerar equívocos lamentáveis, se a filosofia se tornar uma coisa enciclopédica, uma coisa sem sentido no currículo. Se o jovem professor não for bem preparado, se não houver uma vinculação da reflexão com a realidade cultural que vivemos, se a filosofia se tornar um espaço anárquico, muito permissivo em termos de se discutir qualquer coisa em qualquer momento, uma coisa sem referência, sem limite, sem rigor nenhum, essa reforma perde o sentido. E não é isso que o adolescente está querendo. Eu vejo minhas experiências oscilando entre esses dois extremos: ou a permissividade intelectual, no sentido de se poder falar qualquer coisa, o que eu acho que não é filosofia – essa abertura frouxa, sem horizontes definidos – ou o extremo do enciclopedismo, de informações teóricas a respeito de doutrinas e filósofos, que nem sempre o aluno consegue acompanhar ou captar. Esses dois extremos são perigosos, representando os grandes desafios na qualificação do profissional que vai lidar com o adolescente na fase pré-universitária: aquele menino entre 16 e 17 anos, que está ávido de questionamentos, cheio de afetividade para a experiência intelectual, cheio de problemas existenciais que precisa canalizar, exigências para as quais precisa dar um norte, uma referência intelectual decisiva num momento da vida em que tem que fazer opções. Tenho visto muitos manuais surgindo por aí, que não têm consciência disso; mas existem também algumas experiências de material didático, mais condizentes com as necessidades dessa faixa etária.

JC – Que pontos você julga fundamentais para um profissional que lida com filosofia, principalmente se o aluno for do segundo grau?

Sônia – A reflexão é comandada, primeiro, pela vontade e não pela inteligência; entendendo por vontade a consciência motivada por impulsos afetivos e existenciais. Se não houver essa vontade, não adianta ficar desenvolvendo questões no plano pura-

mente intelectual porque não vão levar a lugar algum. Segundo ponto: é necessário ter um grau de informação histórica, na medida em que ela enriquece a compreensão do presente; o passado é um compromisso que assumimos com a plenitude da vida presente. Quanto mais plena de significado é nossa vida presente, mais somos capazes de assumir o passado. Uma informação histórica, portanto, não pode ser dada desvinculada desse compromisso, sem a compreensão do presente. Terceiro ponto: o pensamento dos filósofos é fruto de um contexto e não pode ser ensinado sem referência a ele, de modo abstrato, porque perde seu sentido primeiro. Quarto ponto: a unidade de um programa de filosofia não é definida pelo conteúdo informativo, mas pelo alcance das questões que são amadurecidas ao longo da reflexão, questões que abrem um caminho dentro da consciência do aluno.

JC – Você pode definir o que é filosofia?

Sônia – Filosofia é a reflexão que desenvolvemos diante de um impasse, diante de um limite. A tomada de consciência desse limite é o que eu chamaria de interrogação filosófica. A atitude crítica que essa interrogação proporciona abre o horizonte de relações que vem unificar nossa experiência e nos permitir até mesmo ultrapassar o limite. Com relação à necessidade de se levar a reflexão filosófica à experiência concreta, um elemento de ligação que sempre me favorece é a arte, por isso, cada vez mais, vinculo o estudo dessa disciplina à arte, talvez até por uma questão pessoal ou por eu não ter conhecimento suficiente de ciência. A arte dá cor, dá forma, dá movimento, ela encarna a proposta filosófica. É muito esclarecedor perceber a consciência de um povo através da arte e explicitar esse vínculo é um dos trabalhos da filosofia. Os dois pólos podem caminhar juntos, de forma coerente, harmoniosa. Essa ligação é muito rica para mim e está definindo o meu caminho na filosofia de um modo muito claro.

Só

cartas de Sônia

Paris, 5 de julho 88

Auguinha e Plouguinha,

Paris chove e é bem frio, conforme a hora.
mas não sinto o mesmo inverno; às vezes, mesmo quando
está quente. Dentro dos recintos é sempre quente
porque haja chauffage no verão, mas talvez por
vedamento de janelas e portas seja mais perfeito
do que o nosso.

A cidade é lindíssima e muito fácil de
andar à pé. Os locais nos são distantes, meus
amigos, por isto, acaba-se andando demais. No
dia, as pernas estão doendo de tanto andar. A
cidade de turistas é enorme, e isto profana a cidade,
muito austera. Paris continua demais com seu ar
frio e sua chuva constante. São monumentos res-
plandecentes elegantes e pesados, com cinza ou
de Paris. Os jardins são belíssimos e abundantes
sem ter uma vitalidade à noite, mas clareiam
com as luzes artificiais, que emanam do movimento
da cidade.